brincadeira (do faz de conta), ao trabalharem com a percepção do real, terão um farol a direcionar luz para o imaginário, iluminando um espaço interior para que, por intermédio do fantasiar, ressignifiquem a si mesmas e suas relações sociais.

O lúdico acompanha o aluno por toda a vida, no entanto, às vezes, as escolas não reconhecem a sua potencialidade como recurso de aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Na tentativa de abrir espaços, os caminhos sistematizados que orientaram a presente pesquisa fizeram a síntese e a interpretação dos dados com o objetivo de despertar para que novos estudos sejam realizados e haja o reconhecimento da importância das brinquedotecas para a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. Estão mortas as fadas? Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

AROEIRA, M. L.; SOARES, M. I. B.; MENDES, R. E. A. Didática de Pré-escola: vida criança – Brincar e aprender, São Paulo: FTD, 1996.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular – Educação e Base. Disponível em: http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 03 de fev. 2021.

BRASÍLIA. Planalto do Governo. Emenda Constitucional n. º 59/2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/. Acesso em: 05 fev. 2020.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. Trad. Gisela Wajskop. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2000 (Coleção Questões da nossa época).

BRUNER, J. Actual Minds, Possible Worlds. Cambridge: Harvard, 1986.

CLAPARÈDE, E. Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental. São Paulo: Brasil, 1956.

CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: FRIEDMANN, A. (org.) O direito de brincar. 4 ed. São Paulo: Sociais/ ABRINQ, 1998.

KLISYS, A. . Leitura de Mundo, Letramento e Alfabetização: os espaços e tempos das linguagens e do brincar, São Paulo: FAFE./Faculdade de Educação da USP, 2004.

FROEBEL, F. A educação do homem. Tradução de Maria Helena C. Bastos, Universidade de Passo Fundo: UPF, 2001.

HULZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1999. KLEIN, M. Psicanálise da criança. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

KISHIMOTO, T. M. et al. (org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação. São Paulo: Cortes, 1996.

MACHADO, M. M. O brinquedo-sucata e a criança: A importância do brincar - Atividades e Materiais. 4 ed., São Paulo: Loyola, 2001.

MILITÃO, A. Jogos, Dinâmicas e Vivências Grupais. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MIRANDA, D. B.; SANTOS, P. G. dos; RODRIGUES, S. S. A importância dos jogos e brincadeiras para a Educação Infantil. Serra, 2014. Disponível em: https://multivix.edu.br/ . Acesso em: 22 de jan. 2021.

NOFFS, N. A brinquedoteca na visão psicopedagógica. In: OLIVEIRA, V. N. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Vozes: Petropólis, 2010.

OLIVEIRA, V. B. de (org.). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RODRIGUES, Luzia Maria. A criança e o brincar. 2009. Monografia (Pós-graduação), Decanato de Pesquisa e Pós Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mesquita, 2009. Disponível em: http://www.ufrrj.br. Acesso em: 04 fev. 2021.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientações Técnicas. São Paulo é uma escola – Manual de Brincadeira. Secretaria Municipal de Educação, São Paulo: SME/DOT, 2006.

SILVA, O. D.; LAUTERT. Educação Infantil. Sucatoteca. Espaço específico no ambiente escolar para a criança criar e brincar. Revista do Professor, Porto Alegre, ano 17, vol. 67, p. 5-10, jul/set. 2001.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1984. VYGOTSKY, L. S. A formação da mente, São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. Psicologia e Educação. Tradução de Laurindo R. de Almeida e Abigail

A. Mahoney, São Paulo: Summus, 2000.

UM ESTUDO ESTILÍSTICO: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PELA ESTRADA AFORA

PATRÍCIA SIMÕES PRIETO

RESUMO

A Estilística é vista como a disciplina que se dedica ao estudo dos recursos afetivo-expressivos da linguagem. Na presente pesquisa optamos por trabalhar com a análise estilística por dois motivos: primeiro por ela propiciar uma visão ampla quanto aos efeitos expressivos que ocorrem no processo enunciativo e também por olharmos para esse viés como uma importante ferramenta na apreciação e compreensão de textos literários, bem como para o ensino de Língua Portuguesa. Para o desenvol-

vimento da pesquisa o corpus selecionado é o livro "Pela Estrada Afora", de Leo Cunha, escolha esta que se justifica por observarmos ser um livro, infanto-juvenil, com muitos pontos de expressividade e pelo fato de ser uma produção cujo público alvo são os alunos do ensino fundamental II, além disso, o corpus é relevante dada a carência de leituras estilísticas em relação ao autor e, sobretudo, no que diz respeito às obras escritas em prosa. Evidenciar as escolhas do autor e as condições de produção permite que o leitor vá além de uma conduta passiva e superficial no processo de leitura e construção dos sentidos, assim sendo, apontaremos que há uma gama de possibilidades para utilizar a análise estilística como uma estratégia do ensino de Língua Portuguesa, sobretudo, no livro em questão. Assim, pretendemos demonstrar elementos estilísticos no livro e demonstrar possibilidades de planos de aula que corroborem para a compreensão dos enunciados tornando a leitura um processo mais aprofundado, completo e eficiente. Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos realizados por Bakhtin (2014), Carvalho (2005), Parente (2008), Rodrigues (2010), Martins (2008), Koch (2007), Barros e Fiorin (1999) e também Cabral e Marquesi (2015). Desta maneira, a presente pesquisa busca levantar elementos estilísticos na obra referida e propor que o Ensino de Língua Portuguesa possa ser pautado na expressividade que transborda de um texto.

PALAVRAS-CHAVE: Estilística; Ensino de Língua Portuguesa; Compreensão De sentidos; Planos de aula.

"UM ESTUDO ESTILÍSTICO: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PELA ESTRADA AFORA".

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar o ensino de língua portuguesa a partir do instrumental teórico da Estilística tem sido uma preocupação constante de alunos, pesquisadores, docentes e professores que percebem que os alunos têm certa dificuldade em perceber os traços expressivos de um texto e lhes atribuir sentidos para uma leitura mais profunda e eficaz, possuindo, assim, pouco ou menor progresso que o esperado nas competências: leitora e escritora.

A estilística é a disciplina relacionada ao estilo da linguagem, ela estuda as palavras/frases no contexto em que estão inseridos para atribuir-lhes sentidos emotivos e estéticos. A disciplina propicia uma visão ampla quanto aos efeitos expressivos que ocorrem no processo enunciativo e é também uma importante ferramenta na apreciação e compreensão de textos literários, bem como ao ensino de Língua Portuguesa.

Para Martins a estilística está voltada a explicar as questões da linguagem e tem por foco o estilo (2012), em outras palavras, não estuda somente as palavras, mas a forma como são organizadas no texto e as implicações de seus sentidos. Estuda, portanto, a os recursos afetivo- expressivos da linguagem.

Diante do exposto, objetiva-se com a presente investigação levantar elementos expressivos na obra Pela Estrada Afora, de Leo Cunha e propor aulas que pautem o ensino de Língua Portuguesa nessa expressividade latente ao texto. Além de sugerirmos algumas temáticas possíveis para o ensino de língua com base no livro infanto-juvenil em questão. Para tanto levantamos os seguintes questionamentos: quais marcas de expressividade são mais evidentes em "Pela estrada afora"? E, como utilizar essa expressividade como aparato ao ensino de língua portuguesa? Assim, para responder a essas questões que nos permitirão chegar a uma ideia central, o texto está dividido em três partes: (1) Na primeira faremos um breve apontamento sobre o autor e o corpus de análise; (2) Na segunda parte apresentaremos um quadro contendo fragmentos do livro e assuntos possíveis a serem desenvolvidos no trabalho em sala de aula; (3) Por fim teremos como enfoque a proposta de uma aula de língua portuguesa sobre o uso das reticências.

2. AUTOR E CORPUS

Nesta parte do trabalho, será apresentada uma revisão da fortuna crítica disponível sobre Leo Cunha, sobretudo no site oficial do auto. Leo Cunha é o autor do texto base para essa pesquisa e, além de uma biografia do mesmo, será acrescentada a essa parte da pesquisa os procedimentos de escrita e pontos de relevância de sua obra.

O autor em questão é o mineiro Leonardo Antunes Cunha, Leo Cunha. Produziu mais de sessenta livros, traduziu outros vinte de literatura infantil e juvenil (do inglês e espanhol), compôs em parceria dezenas de letras de músicas e escreveu três peças de teatro infantil. Leo Cunha nasceu na cidade de Bocaiúva em 1966, estudou Comércio Exterior, Jornalismo e Publicidade, possui pós-graduação em Literatura Infantil, Mestrado em Ciências da Informação e Doutorado em Artes. Atualmente, é professor universitário, tradutor e dedica-se às atividades de escritor, tendo como foco o público de crianças e jovens, segundo o próprio, sua maior paixão (CUNHA, 2018).

A obra de Leo Cunha possui uma ampla gama de opções. Em seus vários livros, desde "Pela estrada afora" de 19931, até "Cachinhos de Prata" de 2017 pode-se encontrar os mais diversos gêneros: poesia, prosa, crônica, conto e muitos estão em um limite entre o infantil e o juvenil. O autor é um des-

taque entre os de sua geração; prova disto é o fato de seu livro de estreia ter rendido o 1º Lugar no 3º Concurso Nacional de Histórias Infantis em 1992, pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Além disso, Leo recebeu o prêmio como Autor Revelação em 1994, pela Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil e pela Câmara Brasileira do Livro e também foi selecionado para o Catálogo da FNLIJ-Feira Frankfurt 2 em 1994. Assim, evidencia-se a relevância do escritor que desde sua estreia tem se destacado e se firmado no campo da Literatura Infantojuvenil brasileira.
Em linhas gerais, a escrita do autor tem características que a tornam clara e por consequência de fácil compreensão. O conteúdo elaborado de maneira particular permite que o leitor embarque na leitura que, por sua vez, é composta por um excelente enredo, pontos engraçados e boas doses de subjetividade. Embora escreva para o público de crianças e jovens, Leo pode conquistar com êxito o gosto do público adulto.

Por todos esses motivos, Leo Cunha apresenta-se como o mais completo escritor de sua geração aquele capaz de representar as inquietudes e desafios que pertencem a todos os autores, de todas as épocas. Aquele que precisa experimentar todas as possibilidades expressivas do texto escrito, todas as dimensões do pensamento verbal, todos os caminhos da reflexão, da 1 A primeira edição do livro “Pela Estrada Afora” data do ano de 1993, no entanto para essa análise fora selecionada a 17ª edição de 2009.
emoção e da brincadeira (STRAUSZ, 2005).

É possível notar, em sua obra como um todo, bom humor e postura crítica ímpar, onde desenvolve assuntos sérios com leveza e em tom cômico, característica esta que perpassa suas produções. Utiliza-se de linguagem coloquial para refletir sobre aspectos da realidade, com isso seus livros mostram a língua escrita com marcas de oralidade que aproximam significativamente texto e leitor, este último podendo com facilidade, identificar- se com as inúmeras situações trabalhadas pelo escritor.
As obras de Cunha já receberam os principais prêmios literários do país, como o Prêmio Nestlé, o Jabuti, o João-de-barro e o concurso de histórias Infantis do Paraná. Dentre seus livros os que são escritos em prosa merecem destaque em relação às premiações, afinal, entre cinco títulos somente um deles é um livro de poemas, Clave de lua e outros poemas de 2001 que é composto por 21 poemas que tratam do universo da música (instrumentos, ritmos) e recebeu o Prêmio Octogone (França - 2002), para o Projeto Editorial no mesmo ano.
Acerca das produções do autor, sobretudo as escritas em prosa, pode- se listar o livro “Em boca fechada não entra estrela” que teve sua primeira edição em 1994. Trata da história de uma menina que adorava falar e que tinha um passatempo diferente: amava bater papo com as estrelas. Todas as noites ela saía pelo sítio em que morava em busca de uma boníssima conversa. Devido aos riscos que a noite representava os pais da menina a proibiram dos passeios noturnos; geniosa a mesma toma uma decisão, resolve fugir de casa obrigando seus pais a enfrentarem a noite, assim como ela; o livro é uma prosa-rimada onde Cunha busca trabalhar o lado sonhador das crianças e, em contrapartida, a séria e real preocupação dos pais para com a segurança de seus filhos. O livro recebeu o Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira dos Escritores - Melhor Livro Infantil do Ano (1995).

2 A Feira do Livro de Frankfurt é o maior encontro mundial do setor editorial, sendo realizado desde 1949 em Frankfurt, Alemanha. Em 1994, Brasil e a Literatura brasileira foi o centro de interesse.

Outro livro premiado do autor foi “As pilhas fracas do tempo” (1994); ganhou o 1º Lugar no Prêmio João-de-Barro, júri adulto também (1992). A narrativa aborda a história de um jovem que se apaixonou por uma garota misteriosa com quem ele pegava ônibus; por ser um rapaz tímido não conseguia demonstrar seus sentimentos a não ser por meio de poemas (cada capítulo contém no início um poema criado por Luca, o protagonista). A história de um adolescente contemporâneo é contada de maneira simples e com um contexto corriqueiro, uma ida ao shopping Center de um jovem que faz jus a sua geração.
Ainda no que se refere ao trabalho em prosa “Sonho passado a limpo” (1996) recebeu o 1º lugar no Prêmio Nestlé de Literatura- Categoria Literatura Infantil (1994). É uma prosa poética que contém a história de uma pré- adolescente, que como muitas, se sente feia e desajeitada, a menina não gosta de se olhar no espelho, tal realidade só muda quando um sonho diferente conversa com a jovem. Para Antônio Hohlfeldt, membro do júri do Prêmio Nestlé, o texto de Leo Cunha tem o envolvimento de uma velha lenda, “a gente começa a lê-lo e se sente como se estivesse ouvindo uma narrativa muito antiga, presente em nosso subconsciente. De repente, é como se o narrador aparecesse em carne e osso, como nos contos em que as feiticeiras, mediante uma fórmula mágica, provocam o surgimento de uma figura ou de uma realidade qualquer”.
Por último, está o livro “Pela Estrada Afora” (1994), já que é corpus desse trabalho. Hoje em sua 17ª edição pela Atual Editora, trata de um texto também em prosa e que reforça os aspectos recorrentes da

obra de Leo Cunha. A narrativa em primeira pessoa desenvolve a história de um jovem, que logo de início revela sua pretensão em criar um livro de memórias, para tal, pontua acontecimentos ocorridos em sua vida, especialmente, os que o fazem lembrar sua avó que está doente na cidade de Montes Claros, local para onde ele está indo com seu tio, um homem de pouquíssimas palavras, pela longa e monótona estrada afora.

Nesse livro, um tema tão obscuro quanto a morte é tratado de maneira delicada e natural pelo autor, além de demonstrar que qualquer um está propício a passar por momentos apreensivos perante o medo da perda de alguém que se ama. Preso em uma angustiante viagem o protagonista faz uso de memórias engraçadas e jogos de palavras que envolvem o leitor até o surpreendente e bem-humorado desfecho. Como dito anteriormente, o livro conquistou o 1º Lugar no 3º Concurso Nacional de Histórias Infantis - Paraná (1992)3.

Segundo Silvia Oberg na Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, o texto mistura o cotidiano de uma família de classe média e a experiência da perda de entes queridos com agilidade e bom humor, sem cair na banalização das situações abordadas. Segundo a mesma, uma boa opção para crianças com domínio de leitura.

Além dessas premiações Leo Cunha foi finalista de outras várias: Prêmio João-de-barro com os livros “Lições de Girafa” (1993) “Na marca do pênalti” (1999) e, sendo que o último recebeu também Menção Honrosa no Prêmio Brasília de Literatura. No Prêmio Jabuti foi finalista com os livros “A menina da varanda” (2001), “Era uma vez um reino de mentira” (2005) E “Lápis encantado” (2006).

3 O livro “Pela Estrada Afora” foi premiado em 1992 antes de ser publicado. Em “Sonho passado a limpo” e “As pilhas fracas do tempo” aconteceu o mesmo, foram premiados antes de serem publicados em livros; ambos venceram concursos literários que premiavam textos inéditos. Leo Cunha inscreveu os textos nos prêmios Nestlé e João-de-barro sob pseudônimo e ambos obtiveram o 1º lugar, por esse motivo as premiações são anteriores ao lançamento do livro.

Com produções envolventes, repletas de assuntos que circundam acontecimentos na vida de pessoas comuns, desperta no leitor a sensação de que a literatura é uma releitura do próprio ser humano. Segundo Luiz Braz,

Luiz Braz acrescenta ainda,

A sensação incomum que despertaram em mim as narrativas de Leo Cunha não poderia ser despertada pelas narrativas de um autor de livros adultos [...] São campos diferentes da sensibilidade literária. (BRAZ, 2007).

Refiro-me à conclusão de que certas sensações incomuns só são possíveis quando o leitor adulto atravessa a fronteira imposta pelo consenso racionalista e descobre encantado, que muitos livros escritos para as crianças e os jovens têm o poder de despertar a nostalgia mestiça. Essa surpreendente espécie de nostalgia que, filha da semântica transparente e da candura do sujeito lírico (nos poemas) ou do sujeito narrativo (na prosa), é capaz de juntar o passado e o presente por meio da esperança pura. Por meio da inocência das representações afetuosas, sempre bem- humoradas, jamais ingênuas ou afetadas (BRAZ, 2007).

Para Luiz Braz, os adultos precisam deixar de lado os padrões engessados de definição literária, separando o que é literatura para jovens ou o que é reservado para adultos. Aqueles que ultrapassam tal consenso encontram nos livros de Leo Cunha uma nova sensação, uma espécie de inocência e uma saudade pura. Sabe-se que as crianças, em um modo geral, estão muito diferentes de alguns anos atrás, mais questionadoras, mais interativas e com isso a literatura a elas direcionada também tem passado por modificações, assim afirma-se que a literatura infantojuvenil deve propor em narrativas ou poesias aspectos que vão além de fórmulas de bons modos e/ou ensinamentos morais.

Dessa maneira, é incoerente infantilizar, de maneira pejorativa, o público mais jovem, afinal, a pouca idade não é sinônimo de inferioridade ou falta de senso crítico e é exatamente essa a postura de Leo Cunha, ele considera os indivíduos e o momento de formação de suas identidades, os encara como leitores, essencialmente. É preciso, portanto, que a literatura pensada aos leitores mais novos seja elabora de maneira a estimular e enriquecer seu repertório linguístico e também sua imaginação, isso encontramos com riqueza nas produções de Leo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo será desenvolvido a partir dos pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica e segue o eixo teórico da Estilística discursiva. Utilizaremos como fundamentação teórica os estudos realizados por CÂMARA (1953) e MARTINS (2008) para os conceitos de Estilística; BAKHTIN (2013) para as relações entre Estilística e Ensino; GERALDI (1984,

2010) e KOCK (2006).

4. TEMÁTICAS POSSÍVEIS EM PELA ESTRADA AFORA

O livro de Leo Cunha possui diversos pontos observáveis e podem ser utilizados em sala de aula; para facilitar a visualização de alguns deles propomos um quadro que, aponte de modo geral, aspectos que consideramos interessantes para o ensino de língua portuguesa partindo, especificamente do livro proposto.

Cabe ressaltar que por ser um livro infanto-juvenil pode ser utilizado para alunos de diferentes anos escolares; nosso caso são propostas que abrangem as necessidades de aprendizagem e ao currículo proposto ao Ensino Fundamental I e II (3º ao 9º anos).

É preciso reiterar que o plano de aula não deve ser engessado e/ou funcionar como uma receita infalível, muito pelo contrário, aqui serão levantadas possibilidades que podem - e devem - ser revistas pelo professor, serem (re) adequadas de acordo com a especificidade da turma, do contexto de aplicação, por exemplo.

Sabendo que planejar é uma atividade inerente do trabalho do professor e que exige reflexão, flexibilidade e estudo. Proporemos um quadro elencando algumas possibilidades, na intenção de clarear as ideias oferecendo um fio condutor, uma ideia inicial, no entanto, numa leitura atenta e aprofundada do docente, certamente, surgirão quase que infinitas possibilidades, haja vista a riqueza da materialidade linguística presente em uma obra literária.

Quadro 1

Pontos Estilísticos	Fragmentos no texto	Fragmentos no texto	Fragmentos no texto
ESTRANGEIRISMOS	*Aí a professora ensinou a palavra funny e explicou, em inglês mesmo, que queria dizerengraçado (pag.16).*	*- Eu nãosei never de inglês, mas de destino eu entendo (pag. 17)*	*É feito a minha vó fala: "se non è vero, èben trovato" (pag. 21)*
SINAIS DE PONTUAÇÃO (RETICÊNCIAS)	*_ ... (pág. 12)*	*É... (pág. 13)*	*- Não dou nem empresto. Se eu fosse escutar tudo o que esse pessoal fala... (pág. 15)*
ENTOAÇÃO	Eu fiquei contando as vogais para conferir. Não é que era mesmo? (pág. 13)	"Engraçado" .(pág. 16)	*- Fé da puta!!! (pág. 31)*
TIPOS DE DISCURSO	*Pessoal aqui de casa falou que não*	*Modesta igual a minha vóeu nunca vi. Ó*	*Ela ajeitou o cabelo com a mão e começou*
	era pra eu ir não, que ia incomodar, ia encher a casa, dar trabalho, nhenhenhém (pág. 4)	*ela: "eu não conto histórias, porque isso eu não sei. Eu conto palavras" (pág. 7)*	*a me xingar: - Seu crápula, seu pústula, seu drácula! (pág. 18)*
ORTOGRAFIA	*É claro, também tem outras muito engraçadas: soslaio, esdrúxulo, vasilhame, Tegucigalpa. E piauiense, a favorita da vovó (pág. 3).*	*O tio Zebe tava indo pra Montes Claros (pág. 5).*	Ê Montes Claros que não chegava, viu? Era pra lá de Caixa-Pregos, pra lá de bem longe, pra lá de Tutuquenquém (pág. 11).

Neste quadro, obviamente, buscamos demonstrar pontos relevantes presentes no livro de Leo Cunha, no entanto, é preciso ressaltar que o quadro não esgota as possibilidades de temáticas inerentes ao livro, mesmo porque seria, demasiadamente, pretensioso ditar um livro como "manual" do ensino de língua. A ideia, aqui, como já exposto anteriormente, é evidenciar que o livro é uma forma de concretização da língua e, portanto, um local de onde podemos buscar diversos exemplos e apontar, por meio da materialidade linguística, os usos e ocorrências da língua.

4.1. O PLANO DE AULA E SEU CONTEXTO DO COTIDIANO ESCOLAR

Sabe-se que a interpretação não é um processo unilateral, pelo contrário, é uma atividade que exige dada interação, onde cada indivíduo busca, para a compreensão, ter suas próprias impressões. Aqui, no presente estudo, queremos propor uma leitura pautada em especificidades sonoras que guiem o leitor para uma das muitas possibilidades de composição do sentido.

A compreensão, por parte do leitor, é um processo mais complexo que uma simples decodificação. Compreender requer interatividade entre texto e interlocutor para que os sentidos sejam produzidos; essa atividade deve partir dos elementos linguísticos que formam o corpo do texto e suas organizações, contudo, também é necessário que o interlocutor acesse seu conhecimento enciclopédico para confirmar suas impressões obtidas no evento comunicativo Nota-se, portanto, que em um texto, há uma série de pré-requisitos a considerarmos para sua compreensão. (KOCK, 2006, p. 17).

E ainda segundo Kock,

[...] o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente- nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (2006).

Entendendo-se, assim, o texto como espaço dialógico de interação. Sabemos que é nele que se constroem os sentidos possíveis e latentes à estrutura linguística proposta. Observamos que essas estruturas se organizam por meio de relações entre cada elemento e estas relações atuam, juntamente, com as impressões do interlocutor para o estabelecimento de um sentido. Desta forma, podemos dizer que o presente trabalho propõe uma análise que auxilie o leitor nesta árdua e divergente missão de construção de sentido.

Visto isso, é preciso retomar o ato de planejar como essencial à prática do professor. Ao preparar um conteúdo o docente se depara com toda a riqueza que aquele material pode trazer. Assim, atua como um agente facilitador entre o conhecimento e a aprendizagem. É a partir de toda sua experiência acadêmica e conhecimento que o professor torna-se um mediador diante de sua turma. Isso se evidencia no fragmento abaixo, segundo ARAÚJO,

Ela [a aula] é feita de prévias e planejadas escolhas de caminhos, que são diversos do ponto de vista dos métodos e técnicas de ensino; [...] também se constrói, em sua operacionalização, por percalços, que implicam correções de rota na ordem didática, bem como mudanças de rumo; [...] está sujeita a improvisos, porque não foram previstos, mas não pode constituir-se por improvisações. (ARAUJO, 2008, p.60-62).

Assim entende-se a importância do planejar e por isso, na sequência, será apresentado um modelo de plano, sistematizando o quadro visto anteriormente. Nesse modelo um dos assuntos do quadro foi selecionado e será apresentado de modo a sintetizar e exemplificar o “como pensar uma aula”.

Levando essas reflexões em consideração, o planejamento deve se configurar como um instrumento de garantia de aprendizagem, como nos foi revelada pela teoria do Alinhamento Construtivo de John Biggs (2010, apud MENDONÇA, 2014).

Assim, pode-se recorrer ao pensamento de Dalcorso e Tamassia (2017). E aqui, será proposta uma adaptação da pauta de planejamento como intervenção pedagógica em sala de aula.

QUADRO 2 - PAUTA DE PLANEJAMENTO DE AULA

OBJETIVO DA AULA	(Delineamento do que se quer que o aluno aprenda).
ATIVIDADE DE VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM	(Descrição da atividade e apontamento do tempo de realização da mesma).
AÇÕES DO PROFESSOR	(Relatar qual será a participação do professor no processo; acompanhar, exemplificar, explicar, observar).
AÇÕES ESPERADAS DOSALUNOS	(Relatar qual será a participação do aluno no processo; pesquisar, elaborar, revisar, produzir).
RECURSOS UTILIZADOS	(Descrever materiais a serem utilizados para a realização da aula).
TEMPO PREVISTO	(Relatar a duração da atividade em H/aula)

Fonte: Adaptado de Dalcorso e Tamassia, 2017.

No primeiro campo desse plano de aula foi apontado o objetivo que a aula pretende alcançar. Em seguida, há a descrição de todo o procedimento da atividade e que, obviamente deve estar em consonância ao objetivo proposto. E por último deverão ser descritas atividades que o professor deverá realizar para auxiliar o aluno no desenvolvimento da consigna e claro, o que o aluno deverá executar para apreender aquele conteúdo. Importante ressaltar que essa pauta pode ter o tempo de duração alterado, por esse motivo há um campo “tempo previsto”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estilística pode ser utilizada como uma importante estratégia para o ensino de Língua Portuguesa; seu uso nas aulas desperta sensibilidade linguística e o gosto literário do aluno, além de tornar menos árido o estudo da matéria gramatical.
Nas aulas ensinar por meio de textos é mais significativo, partir da materialidade linguística é uma estratégia eficaz. É importante fazer com que as produções ocupem diversas dimensões, afinal, os textos são múltiplos e neles cabem inesgotáveis assuntos. Nessa perspectiva, cabe à escola proporcionar aos discentes momentos de contato com materiais literários mais clássicos e/ou contemporâneos de acordo com o que se propõe. Cabe à escola resgatar o contato com o literário e, de modo efetivo, tratar a língua com o real dela, considerado